

A INFLUÊNCIA DO DIALETO ITALIANO NO PORTUGUÊS FALADO PELOS DESCENDENTES ÍTALO-BRASILEIROS: UMA ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA VOGAL NASAL [ã]¹

NASCIMENTO, Dayanne do²
dayannedonascimento@hotmail.com

Resumo: Os povos imigrantes, sobretudo alemães e italianos, trouxeram ao Brasil inúmeros aspectos sociais, culturais e linguísticos. Neste contexto, considerando as variações trazidas pelos dialetos italianos à Língua Portuguesa, este estudo apresenta uma análise sociolinguística da pronúncia da vogal nasal [ã] da Língua Portuguesa falada por alguns descendentes de imigrantes italianos. A partir disso, busca-se verificar se essa variação é encontrada da mesma forma em diferentes gerações familiares, na cidade de São Lourenço do Oeste – SC. Para tanto, esta pesquisa realizou a aplicação de questionário e gravação de áudios, na intenção de analisar a variação das falas e fundamentou-se nos seguintes teóricos: Bambini (2002); Frosi e Mioranza (1975); De Marco (2015); Silva (2001); Labov (2008). Ademais, contextualiza-se a interferência deixada pela Ditadura Militar da era Vargas quanto ao uso desses dialetos, relacionando a proibição do uso de idiomas estrangeiros em público. Tais medidas, que fizeram com que a população de imigrantes e descendentes de italianos passasse a usar seus dialetos apenas no seio familiar, provavelmente contribuíram para que o uso desses linguajares perdesse espaço junto às gerações mais novas.

Palavras-chave: Fonética; descendentes italianos; imigrantes italianos; variação linguística.

Abstract: Immigrant people, including Germans and Italians, brought to Brazil numerous social, cultural and linguistic aspects. In this context, considering the changes brought to the Portuguese Language by Italian dialects, this study presents a sociolinguistic analysis of the pronunciation of the Portuguese nasal vowel [ã] spoken by some descendants of Italian immigrants. From this, we seek to ascertain whether this variation is found the same in different family generations, in Sao Lourenco do Oeste – SC, Brazil. To this end, application questionnaires and recording audios were applied in this research, intending to analyze the variation of the talks and it was based on the following authors: Bambini (2002); Frosi e Mioranza (1975); De Marco (2015); Silva (2001); Labov (2008). Moreover, it contextualizes the interference left by the military dictatorship of Vargas in relation to the use of these dialects, relating to prohibition of the use of foreign languages in public. Such measures, which have caused the population of immigrants and descendants of Italians to use their dialects only in the family, probably contributed so that these vernaculars were not used by younger generations.

Keywords: Phonetics; Italian descendants; Italian immigrants; linguistic variation.

¹ O trabalho é orientado pelas professoras mestre Égide Guareschi e doutora Letícia Lemos Gritti.

² Acadêmica do Programa de Especialização em Letras: Linguagem e Sociedade: Olhares Transversais da Universidade Tecnológica Federal Do Paraná, *Campus* Pato Branco – PR.

INTRODUÇÃO

No decorrer de sua história, o Brasil sofreu grande interferência e mudança com a vinda de povos imigrantes, e, se hoje o povo brasileiro tem essa identidade múltipla, um povo repleto de miscigenações e formado pela diversidade dos mais variados povos, certamente foi pela mistura dessas etnias que aqui chegaram ao longo dos anos e criaram um lugar mais acolhedor e receptivo daquele que tinham em seu país de origem.

A vinda desses povos trouxe consigo crenças, hábitos, culturas e línguas próprias, que, em contato com o nosso país, resultaram em mudanças significativas para o Brasil, as quais podem ser percebidas até hoje, sobretudo, na região Sul, onde esses traços são fortemente marcados, nos mais variados aspectos sociais, culturais e no uso da língua portuguesa.

Observando tais características e variações linguísticas trazidas para português brasileiro (PB), por meio desses imigrantes, é que este estudo propõe apresentar uma análise do português falado hoje pelos descendentes ítalo-brasileiros³. Dessa forma, a problemática que se apresenta é: com o passar das gerações, ainda é possível observar aspectos fonéticos influenciados pela língua falada pelos imigrantes italianos? Há influência, mais especificamente, na variação fonética da vogal nasal [ã], principalmente em sílabas tônicas, por exemplo, em palavras como: *moranga*, *canto*, *banana*, entre outras?

Justifica-se esse interesse pela percepção de que, antigamente, em muitas famílias descendentes de imigrantes italianos, era comum, no seio familiar, os filhos aprenderem um dialeto italiano como primeira língua e, só ao terem contato com o meio escolar, é que havia a preocupação (ou a obrigação) de as crianças aprenderem a falar o português.

Dentre os objetivos que se pode destacar deste estudo, está a identificação de possíveis traços dos dialetos italianos na fala dos descendentes de imigrantes, de diferentes gerações familiares, ou seja, averiguar se eles ainda conservam variações na fala do PB, por influência de dialetos dos seus antepassados. Inclusive, esta é a hipótese apresentada por esta pesquisa: de que tais variações no português falado – por esses descendentes de imigrantes italianos – ocorrem por influência dos dialetos italianos.

Para a concretização deste estudo, a metodologia envolveu a aplicação de uma pesquisa de campo, com a participação de descendentes de imigrantes italianos, pertencentes à terceira, quarta e quinta gerações, de famílias ítalo-brasileiras, mais especificamente residentes na comunidade de São Caetano, no interior do município de São Lourenço do

³ Ítalo-brasileiro – termo utilizado para referir-se aos descendentes de imigrantes italianos que residem no Brasil.

Oeste, localizada na região oeste de Santa Catarina. Essa comunidade foi escolhida porque sua característica é ter sido colonizada, principalmente, por descendentes de imigrantes italianos.

Além da pesquisa de campo, o presente estudo apoia-se na consulta de referências bibliográficas de diferentes autores, ligados aos estudos da área da fonética em comunidades de descendentes de imigrantes italianos, especialmente do Rio Grande do Sul. Nossas principais bases teóricas foram: Frosi e Mioranza (1975), De Marco (2009), Dal Picol (2015), bem como, em obras relacionadas a estudos do campo da fonética do português e da língua italiana, como Malmberg (1954), Camara Junior (1970), Silva (2001), Seara (2008) e Bambini (2002) e da sociolinguística variacionista, como Coelho [et al] (2010) e Labov (2008).

1 OS DIALETOS E A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO OESTE DE SANTA CATARINA

Apesar de este estudo estar focado na região oeste de Santa Catarina, vale retomar a história da imigração italiana no Brasil. Afinal, a história desse povo não está separada dos demais imigrantes, que saíram da Itália, rumo ao Brasil, e muito menos dos descendentes de tais imigrantes que chegaram ao Estado do Rio Grande do Sul.

De acordo com Frosi e Mioranza (1975), em 1870, quando o Governo Imperial do Brasil decidiu povoar as terras do sul do país, a notícia agradou aos moradores das regiões vêneto-lombardo-trentinas. Nesta época, a Itália não vivia o seu melhor momento econômico e político. Ao seu povo, então, não restou outra alternativa, senão a de deixar sua pátria e partir em busca de uma vida melhor. “[...] O dualismo feudal de ricos e pobres, de grandes latifundiários e subordinados não apresentava indícios de erradicação imediata. A emigração, pois, não tem sido aventureira, mas de necessidade”. (FROSI e MIORANZA, 1975, p.13-14),

A chegada dos imigrantes italianos ao solo rio-grandense iniciou-se a partir de 1875. Contudo, além do Rio Grande do Sul, os imigrantes italianos também se estabeleceram em outros estados da federação brasileira, como: Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

Aqui é importante fazer uma ressalva quanto à imigração italiana no Estado de Santa Catarina. De acordo com o *site* “Santa Catarina Brasil” (2015), também foi a partir de 1875 que os primeiros italianos chegaram às terras catarinenses. Contudo, as correntes migratórias instalaram-se principalmente na região Sul do Estado, próximo ao litoral, e nas cercanias das comunidades alemãs no Vale do Itajaí e no Norte do Estado.

[...] A cidade de Urussanga foi o principal núcleo da então colônia italiana de Azambuja, fundada em 1877. Os estrangeiros que ali se fixavam eram, em sua maioria, provenientes da região do Vêneto, no Norte da Itália. Junto com outros da Lombardia, Friuli-Veneza Giulia e Trentino Alto Adige, formaram o maior centro de imigrantes do Sul catarinense. (SANTA CATARINA BRASIL, 2015).

Dessa forma, justifica-se o porquê deste trabalho estar retomando a história a partir da imigração italiana, no Rio Grande do Sul, pois foi dessa região que vieram a maioria dos descendentes ítalo-brasileiros, que hoje residem na região oeste de Santa Catarina.

Frosi e Mioranza (1975) relatam que, em busca de novas terras – já que as do Rio Grande do Sul estavam superlotadas – tais imigrantes partiram em direção ao oeste catarinense, e, por volta da década de 1920, as emigrações em massa ganharam força em direção à região, bem como ao sudoeste do Paraná. É importante ressaltar também que tais fluxos migratórios só começaram a diminuir por volta de 1960.

1.1 Dialetos italianos

As Frosi e Mioranza (1975) destacam que a maior parte dos imigrantes italianos que vieram para o Rio Grande do Sul vieram da região norte da Itália, de regiões como Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto Ágide e Friuli-Venécia Júlia. Na época, nessas regiões, a divisão dos dialetos apresentava-se da seguinte forma:

Quadro 1 – Divisão dos dialetos italianos no Rio Grande do Sul.

Região	Dialetos
Vêneto	Vicentino, Trevisano, Feltrino-belunês, Paduano, Veronês, Venezino, Revigoto
Lombardia	Bergamasco, Mantuano, Cremonês, Milanês, Bresciano, Varesino, Comasco, Paviense
Trentino-Alto Ágide	Trentino, (Tirolês)
Friuli-Venécia Júlia	Fruilano, Triestino

Fonte: Frosi e Mioranza (1975, p.58).

Sobre esse ponto, Frosi e Mioranza (1975) destacam que, no início do processo imigratório para o Rio Grande do Sul, essa divisão dos dialetos até foi mantida. Entretanto, a divisão não seguiu critérios étnicos-linguísticos por muito tempo, o que dificultou a formação de ilhas linguísticas, com caracterização dialetal única. Tal desorganização resultou na formação de comunidades mistas, que resultou no desaparecimento de alguns dialetos e na sobrevivência de outros.

Ainda em relação à questão da variedade dialetal, Luzzato *apud* De Marco (2009) destaca que a dificuldade de comunicação foi o grande obstáculo encontrado pelos imigrantes no Brasil.

[...] no Rio Grande do Sul, as famílias eram “distribuídas” ao acaso, não foi respeitada a origem de cada uma. Assim, por exemplo, uma família oriunda da região do Trentino Alto Ádige tinha como vizinho um friulano, sendo que cada um falava seu respectivo dialeto e desta situação, diante da necessidade da comunicação, surge uma língua ou uma coine, muito mais veneta do que lombarda ou friulana. A predominância veneta se justifica porque a língua veneta já era conhecida pela maioria dos imigrantes, devido à abrangência da Sereníssima República de Veneza. (LUZZATTO *apud* DE MARCO, 2009, p.25).

Além da mistura dos dialetos italianos, o contato com a língua portuguesa, de certa forma forçado pelo governo brasileiro, também acarretou mudanças aos falares típicos desses povos. Durante a Segunda Guerra Mundial, no período governado por Getúlio Vargas, o governo lançou a campanha de nacionalização, com um conjunto de medidas criadas com a intenção de diminuir a influência das comunidades de imigrantes estrangeiros no Brasil e “forçar” sua integração junto à população brasileira. A seguir, observa-se uma amostra de parte de um edital emitido pela Secretaria de Segurança Pública, que proibia manifestações dos imigrantes em seus respectivos idiomas.

Secretaria de Segurança Pública fez circular um Edital, no dia 28 de janeiro de 1942, tornando público, entre outras proibições (...) que os estrangeiros naturais dos países Itália, Alemanha e Japão: “Ficam proibidos, a contar desta data, os hinos, cantos e saudações que lhes sejam peculiares, bem como o uso dos idiomas dos países acima apontados”. (DE MARCO, 2009, p. 29).

Tais medidas proibiam, sobretudo, o uso dos idiomas estrangeiros em público e exigia a obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa nas escolas, para forçar os imigrantes a aprenderem o idioma do país. Essas ações fizeram com que a população de imigrantes e descendentes de imigrantes italianos, bem como de outras etnias, passassem a usar seus dialetos apenas no convívio familiar, deixando, dessa forma, por medo, de estimular os filhos a falar os dialetos.

Ainda sobre esse contexto de silenciamento dos imigrantes, De Marco (2009, p. 29) enfatiza que “[...] descendentes destas etnias passaram a sofrer repressões, perseguições, corriam o risco de serem considerados traidores e, por fim, muitos foram presos”.

Dentro de uma perspectiva histórica, os dialetos italianos trazidos pelos imigrantes à Região de Colonização Italiana, não mais se apresentam como de início. Houve uma sensível mudança, facilmente detectável em toda a Região. Se, nos primeiros tempos da colonização, o dialeto próprio de cada imigrante foi o instrumento de comunicação diária, o mesmo imigrante deparou-se com dificuldades de ordem

linguística, desde o momento em que pretendeu alargar o seu círculo de convivência. Considerando o esquema de ocupação de terras e as levas de imigrantes oriundos de Províncias italianas diversas, evidencia-se que as ilhas linguísticas se restringiram a um número muito baixo. O fenômeno que passou a dominar foi o de grupos étnico-linguísticos mistos. (FROSI; MIORANZA, 1975, p.62).

Sendo assim, observa-se que dois grandes fatores influenciaram nas mudanças e até mesmo no desaparecimento de alguns dialetos italianos. Em primeiro lugar, pode-se destacar a formação das comunidades mistas de imigrantes italianos, que acabou por reunir diferentes povos de imigrantes italianos, os quais, de alguma forma, precisavam se comunicar, para poder se adaptar e conseguir viver na nova e estranha morada que era o Brasil. Em segundo, as medidas do governo Vargas para evitar que outros idiomas se disseminassem em território brasileiro também contribuíram para que muitos dialetos italianos fossem extintos e, até mesmo, para que descendentes de imigrantes italianos não tivessem a oportunidade de ter o contato com essas línguas, perdendo-se para sempre elementos preciosos da cultura italiana no Brasil.

1.2 A sobrevivência do *Talian*

Apesar de todas as interferências no decorrer da história da imigração italiana, felizmente alguns dialetos italianos conseguiram sobreviver. Famílias, principalmente nos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, em especial a população idosa, ainda utilizam os dialetos em sua comunicação, mesmo que de forma muitas vezes discreta, junto à família e aos amigos. O *Talian* é um desses dialetos que ainda hoje se destaca entre os falantes ítalo-brasileiros.

Dos imigrantes italianos que colonizaram o Sul do Brasil, aproximadamente 95% eram provenientes do Vêneto, do Trentino-Alto Ágide, do Friuli-Veneza Giulia, isto é, do Tri-Vêneto, e da Lombardia. Desses imigrantes, 60% possuíam a língua e cultura vênetas. Tinham falares diferentes, sotaques distintos, mas a língua-mãe era a mesma: o vêneto. Quando aqui chegaram foram instalados em colônias, sem respeitar a origem de cada família. Assim, uma família trentina da Valsugana, por exemplo, passava a ser vizinha de uma friulana, de Pordenone, de um lado, e de outra lombarda, de Bérgamo, com várias famílias vênetas ao seu redor. Evidentemente, era preciso entender-se. Daí resultou uma língua de comunicação, uma *coiné*, muito mais veneta que lombarda, ou friulana, ou trentina, pois veneta era a maioria. (LUZZATO, 1994, p. 21-23 *apud* GUBERT, 2012, p. 30).

Esse dialeto, modificado não apenas pela fusão dos falares e sotaques dos imigrantes, mas também pelo contato com a Língua Portuguesa, transformou-se no *Talian*, uma língua considerada de intercomunicação dos imigrantes italianos e seus descendentes.

O ano de 2014 foi um ano especial para o *Talian*, já que, após muitos anos, ele foi reconhecido pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como

referência cultural brasileira, iniciativa que pode contribuir para que essa língua seja mais prestigiada, tanto pelos descendentes de imigrantes italianos bilíngues (ou seja, que falam tanto o PB como o seu dialeto) como por aqueles que tenham interesse em conhecer melhor o *Talian*, valorizando essa língua que também pode ser considerada parte da cultura brasileira.

Sartori (2014) enfatiza que a inclusão do *Talian* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, não é uma garantia que a língua irá sobreviver. No entanto, é uma forma de valorização e tentativa de preservação desse elemento da cultura ítalo-brasileira.

Na prática, a inclusão do *Talian* no Inventário Nacional da Diversidade Linguística, por si só, é insuficiente para garantir a sobrevivência dessa língua brasileira de imigração, mas a sinaliza como elemento cultural importante, que merece ser preservado. E, especialmente, serve como alento àqueles que foram impedidos de falar a língua materna, por pressões políticas e sociais. (SARTORI, 2014).

2 CARACTERÍSTICAS FONÉTICAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ITALIANO

No Brasil, um país onde o processo imigratório foi intenso, principalmente entre o final do século XIX e início do século XX, com a vinda, sobretudo, de povos europeus, ainda hoje é possível observar a influência das etnias dos imigrantes, tanto nos aspectos culturais, gastronômicos e da língua. Levando em consideração esse último aspecto, é que este trabalho se dedica ao estudo da influência dos dialetos italianos, que se processa na vogal nasal [ã], do português falado pelos descendentes de imigrantes italianos na atualidade.

Para isso, são fundamentais os conhecimentos da área da fonética e da fonologia. Dessa forma, baseando-se nos estudos de Seara (2008), verifica-se que a fonética e a fonologia investigam como os seres humanos produzem e ouvem os sons da fala. Segundo Silva (2001, p. 23), a fonética é "[...] a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana".

Malmberg (1954, p. 9) acrescenta que

A fonética é o estudo dos sons da linguagem. É, pois, um ramo da linguística, mas um ramo que, ao contrário dos outros, apenas se interessa pela linguagem articulada e não por outras formas de comunicação organizada (linguagem escrita, linguagem dos surdos-mudos, sinais dos marinheiros, etc). A fonética, por conseguinte, ocupa-se apenas da expressão linguística e não do conteúdo, cuja análise depende da gramática e do vocabulário (aspectos gramatical e semântico).

Em relação também a esse campo de estudo, Silva (2001) menciona que as principais áreas de interesse da fonética são:

Fonética articulatória - Compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articulatorio.

Fonética auditiva - Compreende o estudo da percepção da fala.

Fonética acústica - Compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte.

Fonética instrumental - Compreende o estudo das propriedades físicas da fala, levando consideração o apoio de instrumentos laboratoriais. (SILVA, 2001, p. 23).

Além ou diferentemente desses campos, Bambini (2002, p 25) apresenta outra classificação em que inclui a fonética ortoépica, a qual seria para o “[...] estudo e ensino das normas de pronúncia numa língua dada”. Sendo assim, para este estudo, levando-se em consideração as definições de Silva (2001), serão explorados com mais ênfase os conhecimentos das áreas da fonética auditiva e acústica, já que a proposta desta pesquisa é analisar como certas variantes do português brasileiro, em específico a vogal nasal [ã], é realizada pelos descendentes de imigrantes italianos que integram gerações familiares distintas.

2.1 Características fonéticas do português brasileiro

Levando-se em consideração a proposta deste trabalho, entende-se como importante aprofundar os conhecimentos sobre os segmentos vocálicos do PB, bem como sobre os segmentos vocálicos do italiano. É interessante enfatizar que, para esta parte do estudo, será usada a língua italiana padrão como referência e não os dialetos, devido à dificuldade em delimitar o dialeto predominante entre os ítalo-brasileiros da comunidade de São Caetano (em São Lourenço do Oeste – SC) e também estudos linguísticos voltados a tal língua.

Assim, mais especificamente falando do objeto de estudos desta pesquisa, é importante saber o que é uma vogal e como elas se diferenciam. Nesse sentido, Seara (2008), explica que as vogais no português são divididas em orais e nasais e se diferenciam pela produção do som.

[...] Na produção das orais, o véu do palato fecha a passagem à cavidade nasal, fazendo com que o ar saia somente pelo trato oral. Nas vogais nasais, o véu palatino encontra-se abaixado, permitindo que o ar passe também pelas cavidades ressoadoras nasais. (SEARA, 2008, p. 25-26).

Segundo Malmberg (1954), no português, todas as vogais podem ser nasais, se vierem acompanhadas do acento til (~) ou também quando seguidas das consoantes nasais, *m* ou *n*, como nas palavras: *lã*, *sã*, *mino*, *antes*. Como o foco é a vogal nasal [ã], para marcar sua

nasalidade, seguiremos a mesma característica usada por Silva (2001), que usa um til [~] sobre a vogal para diferenciá-la, ou seja, a nasal será assim caracterizada: [ã].

A mesma autora relaciona que:

[...] uma vogal que seja articulada com a língua na posição mais abaixada possível - como **a** - necessita de um abaixamento relativamente grande do véu palatino para que seja percebida como nasalizada. A configuração do trato vocal é bastante diferente durante a produção da vogal **a** oral e da vogal **a** nasal. (SILVA, 2001, p. 72).

Além disso, em se tratando de vogal nasal, é importante trazer para este estudo noções do que é nasalização e nasalidade. Para tanto, mais uma vez o suporte será nos conhecimentos de Silva (2001), a qual esclarece que:

[...] as vogais nasais ocorrem em final de palavra em posição tônica - como em "l[ã]" ou em posição postônica - como em "ím[ã]". Podem também ocorrer em meio de palavra em posição tônica - como em "s[ã]nto" - ou em posição pretônica - como em "c[ã]ntora". Nestes casos uma vogal nasal ocorre em qualquer dialeto do português. Denominamos tais casos de nasalização. (SILVA, 2001, p. 93).

Por outro lado, também há casos, chamados de *nasalização*, em que o falante não pronuncia a vogal nasal e sim uma vogal oral, fazendo com que haja uma mudança no significado da palavra. Observa-se alguns exemplos citados pela própria autora "[...]lá/lã; mito/minto; cadeia/candeia". (SILVA, 2001, p. 93).

Outro fenômeno que também existe neste campo é a chamada *nasalidade*.

Há outro grupo de palavras em que a não articulação da vogal nasal marca a variação dialetal e não causa diferença de significado: "j[a]nela" ou "j[ã]nela" "janela" ilustra este caso que denominamos de nasalidade. A nasalidade de uma vogal ocorre quando uma vogal tipicamente oral é seguida por uma das consoantes nasais: [m,n,N)". (SILVA, 2001, p. 93).

Malmberg (1954) destaca que, na Europa, são poucas as línguas em que a *nasalidade* desempenhe tal importância linguística, ou seja, que seja capaz de modificar o significado da palavra. O autor informa que, além do português, apenas o francês e o polonês apresentam autênticas vogais nasais.

[...] Noutras línguas percebe-se, às vezes, uma certa ressonância nasal que talvez seja devida à proximidade de uma consoante nasal (m, n) ou que também pode ser individual ou acidental, mas não representa qualquer papel linguístico (e que, portanto, é incapaz de implicar uma diferença semântica" (MALMBERG, 1954, p. 66-67).

Diante de tais apontamentos, os casos de nasalização são os que melhor se relacionam com o objeto do presente estudo, o qual se propõe a analisar a pronúncia da vogal nasal [ã]

realizada pelos descendentes de imigrantes italianos, buscando, dessa forma, observar se existem variações no processo de nasalização desses falantes.

Contrariando as exposições acima, baseadas no autor Malmberg (1954) sobre as vogais nasais e nasaladas, é pertinente apresentar o ponto de vista do autor Câmara Junior (1970, p. 45), que afirma que não existe, no PB, vogais nasais como as descritas anteriormente, uma vez que, nessa língua, segundo o autor, as vogais nasalizadas “[...] não funcionam para distinguir formas, e não é, portanto, de natureza fonológica”.

Souza e Pacheco (2012, p. 403), diante da defesa de Câmara Junior, explicam que as vogais nasais do PB apresentam natureza bifonêmica, ou seja, “[...] são vogais seguidas por um elemento consonântico nasal chamado de arquifonema nasal, como em *canta*, por exemplo. Assim sendo, a nasalização ocorreria pela presença da consoante nasal, ou seja, não seria uma nasalidade própria da vogal”.

[...] costuma-se atribuir no PB o nome de nasais às vogais que ocorrem em *canta*, a fim de diferenciá-las do caso de nasalização vocálica que ocorre em *cana*, por exemplo, no qual a primeira vogal seria chamada de nasalizada. A diferença entre essas vogais está no papel fonológico que elas desempenham no sistema do PB: em *canta*, a consoante nasal nasaliza a vogal precedente e, normalmente, deixa de ser realizada foneticamente, gerando a oposição entre *canta* e *cata*; a nasalização da vogal, nesse caso, é importante para a distinção entre ambas as palavras. Por outro lado, não existe oposição entre *cana*, realizada como [Èkãna], e *cana*, realizada como [Èkana]; nesse caso, a nasalização não é categórica e é importante para a distinção entre dialetos no PB. (PACHECO; SOUZA; 2012, p. 402-403).

Por outro lado, os mesmos autores informam que, em termos acústicos, as vogais nasais e as nasalizadas seguem o mesmo mecanismo na produção do som, ou seja, apresentam a “[...] passagem simultânea do ar pelas cavidades oral e nasal. Isso implica dizer que são os mesmos sons, mas com status fonológico diferentes”. (SOUZA e PACHECO, 2012, p. 404).

2.2 Características fonéticas do italiano

Com relação aos apontamentos sobre as características fonéticas da língua italiana, Bambini (2002, p. 29) destaca que, no italiano padrão, não existem vogais nasais como no Português Brasileiro. Na língua italiana, existem apenas vogais orais e vogais com uma ligeira nasalização, quando a vogal oral é precedida ou seguida por uma consoante nasal.

O autor também explica que, quando uma vogal oral é seguida por uma consoante nasal, o efeito é chamado de assimilação, devido à assimilação de dois sons. Nesse caso, o som que segue modifica o som da vogal e isso é denominado de assimilação regressiva. Quando a vogal oral é precedida por uma consoante nasal, o efeito chama-se assimilação progressiva.

Em italiano padrão, Bambini (2002, p. 33) explica que, tal como no português, existem sete fonemas vocálicos: /a/, /ɛ/, /e/, /i/, /ɔ/, /o/, /u/, que apresentam nove alofones [a], [ɛ], [E], [e], [i], [ɔ], [o], [u]. Ele também explica que /a/ é vogal central aberta, assim como a vogal [a] brasileira em espada, [i s' pada].

3 ANÁLISE DA VOGAL NASAL [Ã] NAS DIFERENTES GERAÇÕES DE ÍTALO-BRASILEIROS, NA COMUNIDADE DE SÃO CAETANO

Diferentemente das abordagens estruturalista e gerativista, sustentadas, a primeira, pelo linguista Ferdinand de Saussure, e a segunda, pelo linguista Avram Noam Chomsky, que descrevem o sistema da língua como homogêneo, desligado dos fatores históricos e sociais, o linguista William Labov, na década de 1960, apresentou uma concepção social da língua, por meio da Teoria da Variação e Mudança Linguística.

De acordo com Coelho *et al* (2010, p. 22), Labov questiona o sistema defendido por Saussure e Chomsky e faz novos apontamentos, com um novo olhar diante da estrutura das línguas, especialmente sobre os fenômenos da variação e da mudança linguísticas.

[...] o fato de a variação ser inerente às línguas está ligado diretamente à noção de heterogeneidade – as línguas são sistemas heterogêneos (e não homogêneos conforme postulam Saussure e Chomsky). Como, contudo, ainda se está falando em sistema, somos levados a assumir que a variação pode ser sistematizada. Não se trata, portanto, de um caos linguístico. Uma evidência de que a heterogeneidade é organizada ou sistematizada é o fato de os indivíduos de uma comunidade se entenderem, se comunicarem, apesar das variações ou diversidades linguísticas. A partir desse postulado teórico, a Teoria da Variação e Mudança fornece um instrumental metodológico que permite analisar e sistematizar os diferentes tipos de variação linguística. (COELHO *et al.*, 2010, p. 23-24).

Os apontamentos feitos por Labov (2008), diante do sistema das línguas, são fundamentais no presente estudo, pois é seguindo essa linha teórica de que a língua é um sistema heterogêneo e sofre influências típicas da fala do meio social e histórico do indivíduo, que esta pesquisa se apoia.

Segundo Labov (2008), todas as línguas humanas possuem variação, pois a variação faz parte do sistema linguístico e está presente na fala de uma comunidade e até mesmo na de uma mesma pessoa.

Destaca-se, dessa forma, para a análise da variação da vogal nasal [ã], que a metodologia usada foi a aplicação de um questionário para entrevista sociolinguística, incluindo-se a coleta de áudios de descendentes de imigrantes italianos, residentes na comunidade de São Caetano, no município de São Lourenço do Oeste, localizado na região oeste de Santa Catarina. Enfatiza-se que essa comunidade foi colonizada principalmente por descendentes de imigrantes italianos, o que justifica a sua escolha, como local de aplicação dos questionários.

Também é importante mencionar que todo o processo de aplicação dos questionários e envolvimento dos descendentes de imigrantes italianos foi inicialmente submetido ao parecer do Comitê de Ética da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), e o projeto foi aprovado e liberado sob o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) 43419315.4.0000.5547.

Participaram da pesquisa, ao todo, nove pessoas, sendo três com idade acima de 60 anos, representando a terceira geração de descendentes; três com idade máxima entre 30 e 39 anos, representando a quarta geração; e, por fim, três com idade máxima entre 18 e 28 anos, representando a quinta geração. Vale ressaltar que cada uma das três pessoas de cada geração é de uma família ítalo-brasileira diferente, o que, entende-se, daria maior diversidade e credibilidade ao *corpus* da pesquisa e aos resultados dela extraídos.

Aqui é válido esclarecer que as questões que compõem o questionário foram elaboradas com o propósito de que o entrevistado, ao respondê-las, utilizasse palavras específicas, como: *banana*, *manhã*, *dança*, que apresentam a variável em estudo. Dessa forma, utilizando o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), apresenta-se a seguir o resultado obtido com a aplicação dos questionários.

Quadro 2 – Terceira geração

Perguntas	Entrevistados terceira geração	Transcrições
1. Em qual horário do dia você costuma tomar café, pela manhã ou à tarde?	1º	Pela manhã. ['peleṃã 'ɲã]
	2º	Eu de manhã. ['eudemã 'ɲã]
	3º	Mais de manhã. ['maĩzdema 'ɲã]
2. Qual dessas duas frutas você prefere, banana ou	1º	A banana, né. [aba 'nãɲe]

maçã?	2º	Maçã, a banana eu gosto, mas não posso comer. [ma 'sãa:ba 'nanɛ̃'gɔstɯ 'manũ 'pɔsuku 'mɛ]
	3º	Mais banana né. ['maɪba 'nanɛ̃ 'nɛ]
3. Onde as pessoas costumam guardar seu dinheiro atualmente? No banco ou embaixo do colchão?	1º	Pouco no banco. ['pɔkɯnɯ 'bãku 'nɛ]
	2º	Banco, né. ['banku 'nɛ]
	3º	É no banco. [ɛnɯ 'banku]
4. Quando as pessoas vão para os bailes, o que elas costumam fazer, dançar, sentar ou dormir?	1º	Já vai para dançar. [ʒa'vajpadã'sar]
	2º	Dança, um pouco senta. ['danʃwm'poku'sɛ̃nta]
	3º	É senta e dança, né. [ɛʃɛ̃'tãdan'ʃa:nɛ]
5. Você tem irmãs? Quantas?	1º	Quatro irmãs. ['kɯatruir 'mã]
	2º	Quatro irmãs. ['kɯatruir 'man]
	3º	Quatro irmãs. ['kɯatruer 'man]
6. Que tipo de alimento se usa para fazer tortei? Melancia ou moranga?	1º	A moranga. [a:mo 'rãgɛ]
	2º	Moranga. [mo 'rãgɛ]
	3º	Moranga, né. [mo 'ranga 'nɛ]
7. Como é o nome do santo casamenteiro?	1º	Santo Antônio, né. ['sãtɔã 'topɯ 'nɛ]
	2º	Santo Antônio. ['santan 'topɔ]
	3º	Santo Antônio. ['santan 'topɔ]
8. Qual é a cor da pomba da paz?	1º	Ela é branca, né. [ɛlɛɛ'brãkɛ 'nɛ]
	2º	Branca. ['branke]
	3º	É branca, né.

		[ɛ 'brankɐ 'nɛ]
--	--	-----------------

Quadro 3 – Quarta geração

Perguntas	Entrevistados quarta geração	Transcrição
1. Em qual horário do dia você costuma tomar café, pela manhã ou à tarde?	1º	Pela manhã. ['pɛlɛmã 'ɲã]
	2º	De manhã. [demã 'ɲã]
	3º	De manhã. [demã 'ɲã]
2. Qual dessas duas frutas você prefere, banana ou maçã?	1º	Banana. [bã 'nãɲɐ]
	2º	A banana. [a:ba 'nãɲɐ]
	3º	Banana. [ba 'nãɲɐ]
3. Onde as pessoas costumam guardar seu dinheiro atualmente? No banco ou embaixo do colchão?	1º	No banco. [no 'bãku]
	2º	A guarda no banco, né. [a: 'gʏardɛnu 'bãku 'nɛ]
	3º	Banco. ['bãku]
4. Quando as pessoas vão para os bailes, o que elas costumam fazer, dançar, sentar ou dormir?	1º	É, acho que dançar. [ɛ'aʃʊkɪdã'sar]
	2º	Ah, dança, né. [a'dãsɐnɛ]
	3º	Dançar. [dã'sar]
5. Você tem irmãs? Quantas?	1º	Duas irmãs. ['dʏazɪr 'mãs]
	2º	Três irmãs. ['trɛɪzɪr 'mãs]
	3º	Irmãs, uma. [ɪr 'mãs. 'umɐ]
6. Que tipo de alimento se usa para fazer tortei? Melancia ou moranga?	1º	Moranga. [mo 'rãgɐ]
	2º	Moranga. [mo 'rãgɐ]
	3º	Moranga. [mo 'rãgɐ]

7. Como é o nome do santo casamenteiro?	1º	Santo Antônio. [sãtã 'tonu]
	2º	Santo Antônio, né. [sãtũã 'tonĩo 'ne]
	3º	Santo Antônio. ['sãtũã 'tonĩo]
8. Qual é a cor da pomba da paz?	1º	Branca. ['brãke]
	2º	Branca. ['brãke]
	3º	Branca. ['brãke]

Quadro 4 – Quinta geração

Perguntas	Entrevistados quinta geração	Transcrição
1. Em qual horário do dia você costuma tomar café, pela manhã ou à tarde?	1º	Pela manhã. ['pelemã 'nã]
	2º	Pela manhã. ['pelemã 'nã]
	3º	Pela manhã. ['pelemã 'nã]
2. Qual dessas duas frutas você prefere, banana ou maçã?	1º	Banana. [ba 'nãne]
	2º	Banana. [bã 'nãna]
	3º	Banana. [ba 'nãne]
3. Onde as pessoas costumam guardar seu dinheiro atualmente? No banco ou embaixo do colchão?	1º	No banco. [nu 'bãku]
	2º	No banco. [nũ 'bãku]
	3º	No banco. [nu 'bãku]
4. Quando as pessoas vão para os bailes, o que elas costumam fazer, dançar, sentar ou dormir?	1º	Dançar [dã'sar]
	2º	Dançar [dã'sar]
	3º	Dançar [dã'sa]
5. Você tem irmãs?	1º	Uma irmã.

Quantas?		['umɛir 'mã]
	2°	Não tenho irmã. [nãũ 'tɛɲũir 'mã]
	3°	Tenho uma irmã. ['tɛɲumair 'mã]
6. Que tipo de alimento se usa para fazer tortei? Melancia ou moranga?	1°	Moranga. [mo 'rãgɐ]
	2°	Moranga. [mo 'rãgɐ]
	3°	Moranga. [mo 'rãgɐ]
7. Como é o nome do santo casamenteiro?	1°	Santo Antônio. ['sãtuã 'tonɿo]
	2°	Santo Antônio. ['sãtuã 'tonɿo]
	3°	Santo Antônio. ['sãtuã 'tonɿo]
8. Qual é a cor da pomba da paz?	1°	Branca. ['brãkɐ]
	2°	Branca. ['brãkɐ]
	3°	Branca. ['brãkɐ]

Pelo quadro 2, reforça-se o que foi possível observar com a pesquisa, ou seja, que, dos nove entrevistados, apenas dois apresentaram variação na vogal nasal [ã] do português brasileiro. A variação pode ser percebida na pronúncia de palavras como *banana*, assim como é apresentado no Quadro 2, na pergunta de número 2, em que os entrevistados 2 e 3 disseram: [ba 'nanɐ] com o som da vogal [a], na sílaba tônica, não nasalizada, ou seja, com som oral. Isso ocorreu de modo diferente ao do entrevistado 1, que disse [aba 'nãɐ], pronunciando a vogal [a], na sílaba tônica, com som nasalizado. É relevante informar que, durante a coleta dos áudios, em nenhum momento, verificou-se casos de nasalização em que a pronúncia não nasalizada da vogal [a] modificou o significado das palavras.

Além disso, um detalhe que chamou a atenção e foi observado nos áudios coletados do entrevistado 1, pertencente à terceira geração – que, assim como os outros dois entrevistados,

teve como primeira língua um dialeto italiano – é que ele não apresentou variação na vogal nasal [ã]. Considera-se também pertinente destacar a ocorrência⁴, uma vez que, até então, acreditava-se que, pelo fato de o descendente de imigrante italiano ter tido como primeira língua um dialeto italiano, isso poderia ser predominante para que ele apresentasse a variação na pronúncia da vogal nasal [ã]. Isso, porém, não se concretizou, já que, dos três entrevistados, representantes da terceira geração de descendentes de imigrantes italianos, que declararam terem tido como primeira língua um dialeto italiano, o primeiro deles realizou a pronúncia da vogal nasal [ã] com som nasalizado.

Como possível justificativa para esse acontecimento, aponta-se para o fato de que esse entrevistado declarou que sempre teve um amplo contato com outras comunidades, com pessoas de diferentes níveis escolares, sendo muito atuante na sociedade por meio de organizações, sindicatos, grupos, entre outros, demonstrando ter um contato linguístico maior com outras variedades da língua portuguesa, em comparação aos demais entrevistados da mesma geração.

Em relação aos entrevistados representantes da quarta e quinta geração, nenhum apresentou variação na vogal nasal [ã], bem como pode ser observado nos Quadros 2 e 3, já expostos. Dos seis entrevistados, apenas um disse falar um dialeto italiano, o qual não foi sua língua materna, e ele não apresentou nenhuma variação da vogal nasal [ã], como pode ser notado no Quadro 3, no espaço do entrevistado 2. Novamente, a possível justificativa é o contato com outras variedades do português brasileiro.

Os outros entrevistados disseram não saber falar e nem entender com clareza nenhum dialeto italiano. Eles também não apresentaram variação fonética, sendo que, em todas as suas pronúncias, a vogal nasal [ã] foi realizada com som nasal, como pode ser observado nos Quadros 3 e 4. Tal acontecimento mostra que a transmissão de conhecimento desses dialetos, para as gerações mais novas, não vêm sendo realizada na comunidade de São Caetano.

Infelizmente, essa não é uma realidade própria dessa comunidade, ou da região oeste de Santa Catarina. Dal Pícol (2013), em seu estudo sobre a região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande do Sul (RCI), ressalta que a comunidade linguística da RCI vem se restringindo a determinados espaços.

⁴ Mesmo que o conjunto de dados desta pesquisa seja relativamente pequeno e que os outros dois informantes tenham realizado a nasalização, vale a pena ressaltar tal fato, pois pode representar o indício de outras influências.

Com o tempo, o número de falantes vem diminuindo muito: as gerações mais velhas não transmitem o dialeto para as gerações mais jovens, os jovens, por sua vez, não têm interesse em aprender, identificam-se mais com outras culturas e línguas conhecidas como “globais”, como é o caso do inglês. (DAL PICOL, 2013, p. 289).

As autoras Faggion (2010) e De Heredia (1987) *apud* Dal Picol (2013, p.289) destacam que o interesse das crianças e dos jovens, tanto da zona urbana como da rural, em aprender os dialetos de seus descendentes é bastante restrito na RCI. A maioria opta pela variedade linguística que julga ter maior prestígio na sociedade e por isso não demonstra interesse em conhecer aspectos da cultura dos seus antepassados.

Faggion (2010) enfatiza que o bilinguismo precoce, em outras épocas tão presente na RCI, perdeu espaço: “O bilinguismo precoce hoje, se existir, parece estar restrito às áreas rurais mais remotas. Nas regiões urbanas, as crianças não falam nem entendem italiano” (FAGGION, 2010b, p. 121). Há grande dificuldade em encontrar jovens que ainda falem o *talian*, até mesmo nas zonas rurais. Eles optam pela variedade linguística que julgam ser de mais prestígio (bilinguismo subtrativo), resultado da constante presença do bilinguismo passivo, ou seja, o domínio da compreensão de uma língua, mas não da fala. (DE HEREDIA, 1987). (DAL PICOL, 2013, p. 289).

Percebe-se que existe a necessidade de criar mecanismos que possibilitem e incentivem os mais jovens a conhecer os dialetos italianos. Essa necessidade não pertence apenas às regiões de colonização italiana do Rio Grande do Sul, mas de outros estados, onde esses imigrantes criaram raízes, a exemplo a região oeste de Santa Catarina, mais propriamente na cidade de São Lourenço do Oeste, parte do foco da presente pesquisa.

A não propagação do contato com os dialetos e mesmo o *Talian*, pode resultar dentro de alguns anos na morte desses linguajares, os quais não deixam de ser um reflexo da cultura italiana e da própria história do Brasil.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre as propostas deste estudo, estava a de analisar e verificar a variação fonética da vogal nasal [ã] no português falado por descendentes de imigrantes italianos e a de perceber se essa variação ocorre da mesma forma em falantes pertencentes à terceira, quarta e quinta geração, de famílias desses descendentes.

Por meio da coleta de áudios e da análise de algumas respostas, utilizando o Alfabeto Fonético Internacional (AFI), em que o falante usou palavras que contêm a vogal nasal [ã], por exemplo, *dançar, moranga, banana*, entre outras, foi possível verificar que alguns

entrevistados, pertencentes à terceira geração, apresentaram variação na pronúncia dessa vogal. Entre os aspectos que os diferenciaram dos demais entrevistados está o fato de eles terem tido como primeira língua um dialeto italiano e até hoje terem o hábito de conversar, em certos momentos do cotidiano familiar, usando esse dialeto.

No entanto, tais características não são predominantes para a existência da variação na pronúncia da vogal nasal [ã], pois, dos três entrevistados que fizeram parte do *corpus* da pesquisa, representando a terceira geração de familiares descendentes de imigrantes italianos, que tiveram como primeira língua um dialeto italiano, um deles não apresentou a variação.

Tal ocorrência mostra que a hipótese apresentada no início desse estudo – de que descendentes de imigrantes italianos (que tiveram como primeira língua um dialeto italiano), hoje, como falantes do PB, apresentam variação fonética na pronúncia da vogal nasal [ã], inteiramente por influência do dialeto italiano – não se concretizou.

Analisando o áudio do entrevistado 1, percebe-se que a vogal nasal [ã] pronunciada por ele é nasal, diferenciando-se dos outros dois entrevistados.

Das informações coletadas durante a entrevista e que podem justificar essa diferença, está o contato com outras variedades do português devido a sua atuação social, que vai além do convívio apenas com os falantes da comunidade de São Caetano e mesmo do município de São Lourenço do Oeste. Tais experiências podem ser levadas em consideração como justificativa, para que ele não apresente a variação na vogal nasal [ã], assim como os entrevistados 2 e 3.

Já os demais entrevistados, pertencentes à quarta e quinta geração, nenhum apresentou variação na vogal nasal [ã] – nem mesmo o entrevistado que declarou ter conhecimento do dialeto italiano. A esse, em especial, atribuímos a mesma justificativa dada ao entrevistado da terceira geração, que não apresentou a variação, ou seja, o fato de ele ter um contato maior com outras variedades do português, ter um nível escolar maior e também, não ter tido como primeira língua um dialeto italiano.

Dessa forma, concluímos, com esse estudo, que a falta de contato com dialetos italianos e o forte contato com outras variantes do português são aspectos que podem contribuir para que o descendente de imigrante italiano não apresente variação na vogal nasal [ã] e a pronuncie com aspectos nasais.

Outra questão pertinente observada é a de que as gerações mais novas não estão sendo estimuladas a aprender os dialetos usados por seus antepassados, fato esse, que, no passar dos

anos, acarretará, provavelmente, a morte dessa herança cultural deixada pelos imigrantes italianos a seus descendentes, que são os dialetos.

Apesar de não ser o foco deste estudo, considera-se essencial apontar tal acontecimento, na tentativa de influenciar a criação de projetos que se interessem por manter essas características linguísticas vivas em nosso país. Sendo possível, inclusive, a criação de uma nova pesquisa, que proponha o levantamento de projetos e iniciativas existentes nas regiões de colonização italiana, que possam ser desenvolvidos também na região oeste de Santa Catarina, incentivando assim as gerações mais novas a conhecer e a manter contato com os dialetos falados por seus antecedentes italianos.

5 REFERÊNCIAS

BAMBINI, Maurizio. **Fonética, Fonologia e Ortoépia da Língua Italiana**. 1. ed. São Paulo: Annablume, 2002.

CAMARA JUNIOR, J Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria, 1970.

COELHO, Izete Lehmkuhl...[et al]. A teoria da variação e mudança linguística: noções básicas. In: **Sociolinguística**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010.

DAL PICOL, Greyce. Novo perfil linguístico dos falantes bilíngues da região de colonização italiana do nordeste do Rio Grande Do Sul: mudança dialetal e mescla linguística. Web-*revista Sociodialetto*, Campo Grande, v. 3, n. 9, p.281-297, mar. 2013. Quadrimestral. Disponível em: <<http://sociodialetto.com.br/edicoes/14/01042013030842.pdf>> Acesso em: 03 fev. de 2015.

FROSI, Vitalina Maria; MIORANZA, Ciro. **Imigração italiana no nordeste do Rio Grande do Sul**: Processos de formação e evolução de uma comunidade ítalo-brasileira. 1. ed. Caxias do Sul: Editora Movimento, 1975.

GUBERT, Antônio Luiz. **Influências do Talian no Português Brasileiro de Vargeão (SC)**: um estudo sobre variação no nível fonética. 2012. 92 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. Disponível em <<http://dspace.c3sl.ufpr.br/dspace/bitstream/handle/1884/27317/Dissertacao%20final%20Antoniopdf.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 abr. de 2015.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MALMBERG, Bertil. **A fonética no mundo dos sons da linguagem**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.

DE MARCO, Elizete Aparecida. **A trajetória e presença do Talian e do dialeto Trentino em Santa Catarina:** por uma educação intercultural. 2009. 165 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Centro de Ciência da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92939/269215.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 18 abr. de 2015.

SANTA CATARINA BRASIL. **Chegam os alemães e os italianos.** Disponível em: <<http://www.santacatarinabrasil.com.br/pt/chegam-os-alemaes-e-os-italianos>>. Acesso em: 22 mai. de 2015.

SARTORI, Tríssia Ordovás. **Talian é reconhecido pelo Iphan como referência cultural brasileira.** Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/almanaque/noticia/2014/11/talian-e-reconhecido-pelo-iphan-como-referencia-cultural-brasileira-4642921.html>>. Acesso em: 25 de mai. de 2015.

SEARA, Izabel Christine. **Fonética e Fonologia do português brasileiro.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português:** roteiro de estudos e guia de exercícios. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

SOUZA, Luiz Carlos da Silva; PACHECO, Vera. Uma análise acústica das vogais orais, nasais e nasalizadas no dialeto de Vitória da Conquista-BA. **Signum:** Estudos da Linguagem, [s.l.], v. 15, n. 2, p.401-431, 8 jan. 2012. Universidade Estadual de Londrina. DOI: 10.5433/2237-4876.2012v15n2p401. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/viewFile/13068/12191>>. Acesso em: 21 mai. de 2015.